



A HISTÓRIA RESUMIDA DO CINEMA PORTUGUÊS EM 22 FILMES

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 7 DE NOVEMBRO, DE 2022 - 21H30



“Domingo à Tarde” de António de Macedo (1965)

Realização: António de Macedo; Assistente de realização: José Carlos Andrade, Zeni d'Ovar; Argumento e diálogos: António de Macedo a partir da obra homónima de Fernando Namora; Direcção de fotografia: Elso Roque; Música: Quinteto Académico; Montagem: António de Macedo; Som: Hugo Ribeiro; Produção: António da Cunha Telles

Com Isabel de Castro, Rui de Carvalho, Isabel Ruth, Alexandre Passos, Constança Navarro, Cremilda Gil, Edith Sarah, Esmeralda Farkas, Fernanda Borsatti, Fernanda Figueiredo, Frederico Berna, Gomes de Sousa, Grece de Castro, Judite Dorizine, Júlio Cleto, Madaleno Vieira, Manuel Bento, Manuela Bonito, Maria Helena, Matos Ideias, Miguel Franco, Oswaldo Medeiros, Ruy de Matos, Serge Farkas, Zita Duarte

Duração: 93 minutos; Estreia: Cinema Império, 13 de Abril de 1966

“Domingo à Tarde” de António de Macedo

Esquecer tudo o que ficou para trás seria injusto. Nem pode surgir uma obra cinematográfica como “Domingo à Tarde” sem uma tradição. E essa tradição existe.

É certo que António de Macedo está mais próximo, pelo gosto e pelos processos, de um Antonioni, de um Resnais, de um Godard, do que dos pioneiros do cinema português.

Mas alguma coisa lhes deve também, até àqueles cuja índole artística aparentemente briga com as suas concepções estéticas. A discussão desde ponto levar-nos-ia longe. E, afinal, o propósito deste rápido comentário era antes o de confrontar o romance de Namora com a película de Macedo. É esta, sob inúmeros aspectos, uma experiência autenticamente ousada de tradução fílmica de todo o processo de uma sociedade, na perspectiva interior tão grata a António de Macedo. Não será difícil considerar mais rico de pormenorização o romance de Namora, que, tal como sucede na obra escrita de tendência realista, quando se não malogra, desvenda os nexos morais, sociais, económicos de um mundo. A focagem do realizador (coincidente com a do romancista na visão desse mundo seminecrosado, onde a esperança se torna difícil, mas persiste) é menos explicativa, apela para o símbolo e prefere a projecção do mal comum na consciência individual à análise de causa e efeito. António de Macedo está nitidamente ligado ao cerebralismo sensível da escola francesa (à qual o já citado Antonioni também pertence, ao invés de um Pasolini, de um Fellini, de um Dino Risi).

Onde António de Macedo se encontra plenamente à vontade, como criador total, que

já se nos afigura virtualmente - e será amanhã realizador-autor — é nas sequências do

filme dentro do filme, no diabolismo dos amaldiçoados.

Enfim, retornando ao que mais importa: um magnífico romance e um belo filme, que o não traduz, mas que o interpreta, inscrevem-se, sob o título “Domingo à Tarde”, no rol das melhores produções destes anos sombrios.”



Urbano Tavares Rodrigues, República, 13 de Maio de 1966



DOMINGO À TARDE: luz na noite escura

Sobre DOMINGO À TARDE diga-se o que ele não é:

- chula, vira, corridinho, fortes e mansos os boizinhos, ó sino da minha aldeia
- fados e guitarradas, O faia e a piquena que se regenera
- sol e touros e olé
- Eusébio finta e chuta, treze resultados certos treze
- Madalena e Calvário, hora de amor e negócio de fraldas
- neo-realismo com fotografia negra (se entrar um burro, melhor)
- Parque Mayer, o que se leva desta vida é o que se come, o que se bebe, o que se brinca ai ai
- folhetim lacrimogéneo para sopeiras, mães na disponibilidade e outras damas domésticas.

Assim não sendo, DOMINGO À TARDE ousa não se incluir no cinema português tal qual vem sendo praticado.

Assim não sendo, DOMINGO À TARDE sacrifica-se junto dos mass media que se vêem reflectidos (miticamente) no referido cinema português.

Assim não sendo, DOMINGO À TARDE arrisca-se a diminuta audiência por advir de uma civilização urbana que existe, sim, mas não corresponde, típica e globalmente, ao caso português.

Como civilização urbana não quer dizer burguesia urbana (e esta é que abunda, mascarada embora de civilização), acontece que DOMINGO À TARDE por tratar um tema considerado mórbido (cancro no sangue, morgue do hospital, cemitério, mas que horror!...) e por utilizar uma escrita que não recorre ao be ao a (intercepção temporal, sequências a cores num filme a preto e branco, palavras difusas na banda sonora, inclusão de um filme – para mais carregado de subjectivismo e simbologia metafísica - dentro do filme, montagem complexa, fotografia por vezes desfocada ou em alto contraste), mais isolado fica, mais para raros, mais para iniciados.

Também por tudo isto ele avança, aqui e agora.

Insuspeitadamente.

Arrojadamente.

Sem corresponder sequer a um movimento de geração (que não existe, aliás, nem pode existir nas actuais circunstâncias em que se processa a produção, realização, distribuição e comércio do cinema português), sem paralelismos com o BELARMINO ou OS VERDES ANOS, exceptuado o idêntico propósito - mas só o propósito de sair dos esquemas tornados (infelizmente) habituais.

Sem indicar (isolado que está, et pour cause) aquela vivificante reviravolta, na estética formal como nos temas, que desejáramos generalizadas a todo o cinema português (desejo utópico, está bem de se ver).

DOMINGO À TARDE é um filme até que enfim civilizado.

Um filme de autor.

Fernando Namora forneceu o esquema da anedota. António de Macedo construiu um filme. E sucede até que o filme perde importância absoluta (relativa tem-na toda) por se basear numa intriga por de mais circunscrita a uma realidade inconsequente, em circuito fechado - posto que nela se equacionem fundamentais razões da essência e existência humanas. Algo obviamente.

Como em DOMINGO À TARDE nunca o cinema português revelou tão densa exigência intelectual.

Como em DOMINGO À TARDE nunca o cinema português revelou tão arejada dimensão estética.

Como em DOMINGO À TARDE nunca o cinema português revelou tão perfeita, minuciosa construção técnica.

Como em DOMINGO À TARDE nunca o cinema português revelou um trabalho de actores tão conscienciosamente cinematográfico.

Posto isto, é urgente não perder DOMINGO À TARDE.

Posto isto, é urgente impedir (o que, ai de nós, já não está em nossas mãos) que António de Macedo se remeta ao silêncio.”

Vitor Silva Tavares, Mar Alto (Figueira da Foz), 15 de Junho de 1966



António de Macedo (longas-metragens de ficção)

“O Segredo das Pedras Vivas” (2016); “Chá Forte com Limão” (1993); “A Maldição de Marialva” (1989), “Os Emissários de Khalom” (1987); “Os Abismos da Meia-Noite ou As Fontes Mágicas de Gerânia” (1983); “O Príncipe com Orelhas de Burro” (1979); “As Horas de Maria” (1976); “O Rico, o Camelo e o Reino ou O Princípio da Sabedoria”(1975); “A Promessa” (1972); “Nojo aos Cães” (1970); “7 Balas para Selma” (1967); “Domingo à Tarde” (1965)